



De Sholem Aleichem a David Grossman: a vida diante do que nos assombra

From Sholem Aleichem to David Grossman: life ahead of what haunts us

Natália Trompieri*

Universidade de Fortaleza (UNIFOR) | Fortaleza, Brasil

ninatrompieri@hotmail.com

Resumo: Do impacto causado pelo encontro com o passado de seu pai através das histórias de Sholem Aleichem, o presente artigo se propõe a uma reflexão sobre os desdobramentos deste acontecimento na vida do consagrado escritor israelense David Grossman. Um passado silenciado e desconhecido para o menino nascido na efervescência dos primeiros anos do Estado de Israel e contando em uma língua que outrora fora símbolo maior de expressão cultural dos judeus da Europa Oriental.

Palavras-chave: David Grossman. Sholem Aleichem. Shtelt.

Abstract: Regarding the impact caused by the encounter with his father's past through the stories of Sholem Aleichem, this article aims to reflect on the effects of this event in the life of the renowned Israeli writer David Grossman. A silenced and unknown past for the boy born during the fervor of the early years of the State of Israel, narrated in a language that was once the greatest symbol of cultural expression for the Jews in Eastern Europe.

Keywords: David Grossman. Sholem Aleichem. Shtelt.

Sempre me lembrei do sorriso que meu pai deu quando me deu o livro. Era o sorriso de uma criança, algo que não me lembro de ter visto em seu rosto antes, inseguro, exposto e transparente. Ele relutava em partilhar memórias comigo, mas as histórias formavam uma espécie de túnel para a sua juventude, já que era uma criança como as crianças que Sholem Aleichem descreve, de uma pequena aldeia chamada Dynów, na Galiza.

(David Grossman)

Considerado um dos maiores escritores contemporâneos, o autor israelense David Grossman coleciona prêmios literários de prestígio em diversos países, e junto com Amós Oz, A.B Yehoshua e Meir Shalev formava o quarteto de ouro da literatura

* Mestra em Psicologia pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR).



contemporânea israelense. Do quarteto, apenas Grossman segue vivo e em plena atividade. Sua extensa obra se divide entre romances, contos, obras não ficcionais, literatura infantil, ópera e peça teatral e alguns de seus livros mais famosos também serviram de base para adaptações cinematográficas. Aclamado internacionalmente, foi laureado com alguns dos principais prêmios literários internacionais, incluindo o Prêmio Israel de Literatura (2018).

Nascido em Jerusalém em 25 de janeiro de 1954, filho de Michaella, de origem polonesa nascida durante o Mandato Britânico da Palestina e de Yitzhak Grossman, nascido em Dynów, na Polônia, que imigrou ainda criança com sua mãe viúva para fugirem dos avanços das perseguições contra judeus na Europa. Durante sua infância, seu pai trabalhava como bibliotecário e tinha o costume de levar livros emprestados para casa.

Foi dessa maneira que o ainda menino David Grossman foi apresentado a obra de Sholem Aleichem, autor que lhe despertou um profundo interesse. Das mãos de seu pai, recebeu *Motl peysi dem khazns*¹ uma coleção de seis volumes com histórias narradas em primeira pessoa que recordavam a realidade do mundo vivido e contado pela língua iídiche de seus ancestrais.

Sholem Aleichem, pseudônimo de Schalom Yakov Rabinowitsch é conhecido como um dos grandes escritores e promotores da literatura iídiche, sendo o conjunto de sua obra uma das mais importantes da literatura europeia. Nascido em 1859, no seio de uma família hassídica em Pereiaslave, território hoje pertencente à Ucrânia, o autor cresceu em um shtetl próximo de Voronkov (atual Kiev Oblast, Ucrânia). Neste espaço, Aleichem passou sua infância sendo moldado por impressões e experiências que mais tarde utilizaria artisticamente, sublimando memórias de sua pequena aldeia de infância em imagens literárias que o colocaram em uma posição de destaque na história da literatura contemporânea.

Seu pai, um bem sucedido comerciante local, estava envolvido na Hascalá, o que contribuiu para que o jovem Sholem fosse exposto a uma visão mais moderna do judaísmo tradicional.

Na infância frequentou o cheder em Voronkov e na adolescência se formou com distinção em um ginásio russo. Aleichem era fluente não apenas em sua língua materna iídiche, mas também em russo e hebraico. Desde cedo amava os livros, lia a Bíblia e outras literaturas religiosas tradicionais, escritores clássicos russos como Gogol, Turgenev, Chekov e Gorky nas suas versões originais, bem como Charles Dickens na tradução russa. Iniciou sua carreira literária ainda aos 15 anos de idade,

¹ Optamos por manter o título original em iídiche. Em tradução nossa: Motl, o filho do cantor.



quando inspirado pela história de Robinson Crusoé, famoso romance escrito por Daniel Dafoe em 1719 que trata sobre uma autobiografia fictícia de um naufrago que passou 28 anos em uma remota ilha tropical próxima a Trinidad, compôs uma versão judaica da obra e passou a adotar o pseudônimo Sholem Aleichem, uma variante em iídiche da expressão em hebraico Shalom Aleichem que significa "a paz esteja com você". Embora inicialmente tenha escrito em russo e hebraico, pois naquele momento para os ha-Maskilim o hebraico era a língua apropriada da alta cultura judaica e marca importante do movimento Iluminista judaico, foi na língua iídiche que o autor encontrou sua voz.

A língua iídiche surgiu entre os séculos IX e X a partir do entrelaçamento do alemão medieval com o hebraico e foi assimilando variações principalmente pelas línguas eslavas decorrentes do movimento migratório naquela região. No princípio, o iídiche era tratado como um jargão, pois não contava com uma gramática disciplinadora que pudesse colocá-la na posição de língua estruturada; era facilmente influenciada por outras línguas e dialetos locais. Foi apenas a partir da segunda metade do século XIX, que o iídiche se estabeleceu como língua padrão sendo adotada, inclusive, por escolas dentro de algumas comunidades judaicas.

Segundo Guinsburg², a Hascalá na Rússia e em parte da Europa Oriental tomou um rumo diferente em relação à língua iídiche. Embora reconhecessem a necessidade de uma renovação e modernização do judaísmo, os judeus orientais consideravam a língua iídiche como um patrimônio linguístico-cultural que representava o grupo de judeus asquenazes, sendo, inclusive, considerada como "a segunda língua nacional do povo judeu"³ depois do hebraico. Entre muitos manifestos de resistência a favor de sua manutenção, a língua iídiche acabou passando por sua melhor fase, mesmo em meio às mudanças culturais, e se consolidou como um importante elemento cultural judaico.

Era o signo de uma vasta produção literária em ídiche e um vivo idichismo que, por seu turno, somando-se ao incremento dos modernos meios de comunicação, aceleraram os processos de consolidação e normatização linguísticos, a cujo serviço foram colocados os recursos da ciência moderna. Este desenvolvimento prosseguiu com vigor até a Segunda Guerra Mundial, quando foram arrancadas do solo europeu as raízes mais fundas do iídiche.⁴

² GUINSBURG, 2004.

³ GUINSBURG, 2004, p. 146.

⁴ GUINSBURG, 2004, p. 146.



Em meio às profundas mudanças na forma de enxergar e viver o judaísmo enquanto religião, tradição e cultura, a manutenção da língua iídiche como elemento aglutinador de um povo pareceu para Sholem Aleichem a escolha mais certa. Seu estilo literário se propunha a um diálogo com o leitor através de uma língua de ressonância máxima e símbolo de expressão cultural e identitária. Mesmo escrevendo em uma língua que naquele momento de profundas mudanças era classificada como de segunda classe por uma parte do movimento iluminista judaico, Aleichem adotou uma escrita sofisticada para falar sobre as massas e para as massas.

Foi na voz do judeu religioso simples das vilas e aldeias, os shtetls da Europa Oriental, que o autor fez espaço para transitar com excelência na língua iídiche. Embora tenha escrito peças e romances, costuma ser mais lembrado por suas confissões fictícias, monólogos e cartas, uma produção prolífica e atravessada por um humor genuinamente judaico, nem sempre compreendido fora do meio. Ao todo, foram mais de quarenta produções em iídiche, um número proeminente considerando o contexto da época. Além de suas produções, Aleichem usou recursos próprios para fundar o *Di Yidishe Folksbibliotek*, um periódico anual que publicava obras de outros escritores da língua incentivando a preservação desta.

Já nos anos 1960, o nome de Sholem Aleichem passou a ser mais difundido graças ao musical para o teatro *O Violinista no telhado*, baseado em sua série de histórias Tevyé e suas filhas, que relatam os dilemas de um leiteiro judeu, seu relacionamento com suas cinco filhas e a vida no shtetl. No início da década seguinte, o musical foi lançado também como produção cinematográfica e tornou-se um grande sucesso que segue atravessando gerações.

Não é surpreendente que o ainda menino David Grossman tenha sido capturado pelas histórias de Sholem Aleichem absorvendo detalhes até então desconhecidos por ele. Seu conhecimento era tanto que saiu vencedor de uma competição nacional sobre o autor organizada por um popular programa de perguntas e respostas da rádio local. O menino, que foi apresentado pela língua iídiche a um mundo até então desconhecido, parecia já apresentar uma inclinação natural ao gosto pelas letras.

Nas histórias de *Motl peysi dem khazns*, o garoto, que no início da história ainda não tinha completado nove anos, é membro de uma família judia em Kasrilevke, um shtetl fictício que serve de cenário em muitas obras de Sholem Aleichem. O primeiro volume nos traz um relato da vida na aldeia, suas dificuldades em meio a pobreza e o medo de ataques, situações que levam a família de Motl a dura decisão de emigrar para os Estados Unidos. O pai de Motl, chazan da vila, morre após uma longa doença, o que piora ainda mais a vida do menino agora órfão. O segundo volume relata suas experiências da perspectiva como imigrante em um país completamente diverso do



seu. A princípio, a América parecia oferecer apenas novos problemas, um controle austero já na imigração, dificuldades em conseguir trabalho e desafios linguísticos e culturais. Aos poucos, essas situações vão sendo superadas e a família começa a prosperar. Do passado em Kasrilevke chegou a notícia de que a aldeia tinha sido devastada em um terrível pogrom, o até então temor da família infelizmente tinha se tornado uma realidade. Com a morte de Aleichem, o livro não chegou a ser finalizado, deixando em aberto o destino de Motl e sua família.

Embora a narrativa traga uma exposição de sucessivos infortúnios que atravessam a vida de Motl, ela é contada de uma forma bem-humorada. Sobre o uso do humor como uma marca da resiliência em meio as adversidades que acompanham a história do povo judeu, Rozenchán⁵ afirma,

O humor judaico reflete as experiências do povo judeu, frequentemente, com histórias que são autodepreciativas, um riso de si próprio e o dilema em que alguém se encontra como judeu. Muito desse humor ocorreu como um meio de tratar da perseguição e supressão encontrados em um mundo antijudaico. Ao rir da situação, o judeu ficava mais capacitado a sobreviver às dificuldades. Esse humor foi um modo de dizer ao opressor que havia pouco que pudesse ser feito ao judeu que ainda não houvesse acontecido e ao qual ele havia sobrevivido.⁶

O humor judaico seria então uma característica positiva não apenas por ser “uma espécie de mecanismo de defesa que nos permite enfrentar a adversidade”⁷, mas também por aludir a um pensamento autocrítico como parte de um compromisso individual com a integridade intelectual e moral.

Já como um autor reconhecido, Grossman costuma falar em suas entrevistas sobre o impacto causado pelo primeiro contato com Sholem Aleichem pelas mãos de seu pai, que imigrou para a Palestina em 1936 e pouco falava sobre sua infância. É possível pensar que há algo de intencional na escolha dos livros deste autor para o filho. Como Grossman, nascido e criado em Israel, poderia conhecer e ter alguma forma de contato com o passado de seu pai, um imigrante carregado de profundas marcas e traumas que o silenciaram, como a tantos outros judeus que migraram para Israel não exatamente por uma livre escolha, mas por ser uma via de sobrevivência? Havia certamente uma lacuna da história familiar a ser preenchida e nada melhor que esta

⁵ ROZENCHAN, 2020.

⁶ ROZENCHAN, 2020, p. 1.

⁷ ROZENCHAN, 2020, p. 1.



fosse contada pelas letras de quem tão bem conhecia os seus e o fazia por sua própria língua.

Meu pai passou a infância em uma dessas vilas perto de Lviv, próximo a Lemberg. E senti como se ele tivesse me dado a chave para a sua infância. Porque ele normalmente não falava da sua infância. Mas, através do livro, senti que ele me deu a chave para entender sua infância. Comecei a ler e fiquei fascinado. Era uma realidade que nunca conheci. Eu era um menino israelense, nos primeiros anos de Israel. Um país que se construiu depois do Shoah, depois do Holocausto. Um país forte. Um país afinado com o futuro. Que não quer olhar para as atrocidades e horrores do Holocausto. E, de repente, havia outra melodia nessas histórias. Era todo um mundo que eu acreditava existir em paralelo com minha vida, então, em Israel. Não fazia ideia de que aquele mundo fora eliminado no Holocausto. E era todo um mundo com seus códigos, constituições, personagens e uma melodia especial. Senti que ele realmente havia me dado um tesouro. Pois ninguém da minha idade conhecia Sholem Aleichem, ninguém o conhecia.⁸

Através das obras de Sholem Aleichem foi possível descobrir um mundo mais imaginativo do que já havia encontrado em qualquer outro livro. Um mundo que não era nem heróico nem grandioso e aparentemente não continha nada que pudesse atrair o coração de uma criança. O menino leu sobre casamenteiros, alfaiates, melamdim e dardakim no cheder; sobre padres, lavadeiras, rapé e contrabandistas. Conheceu também agiotas e ladrões que atacavam na floresta à noite, lugares chamados Kasrilevke e Yehupitz, e pessoas que se chamavam Hersh Leib, Menachem Mendel, Ivan Pichkur e Padre Alexei. Mas, para Grossman⁹, o mais estranho era que os judeus viviam junto com os goyim. Para o menino aquilo não fazia sentido. Por que judeus viveriam junto aos perigosos goyim? Os mesmos goyim que expulsaram Tevye de sua casa, que simplesmente o arrancaram e disseram: Vá!

Durante sua infância, os livros lhe serviram como um canal aberto que ligava de forma simultânea Israel à diáspora. Para uma criança, o número de seis milhões não é algo compreensível, foi pelas histórias de Aleichem que o menino se deu conta que as vítimas eram como todos aqueles personagens dos quais se sentia intimamente conectado pela leitura, e isso o deixou chocado. Os livros que ao mesmo tempo

⁸ GROSSMAN, 2020, np.

⁹ GROSSMAN, 2008, np.



contavam o passado de seu pai, também revelaram uma realidade da qual ele desconhecia.

Lembro até que as páginas eram numeradas com letras, não dígitos, como na Bíblia ou no Talmude. Então, acho que pensei ter ganho um segredo que apenas eu e meu pai sabíamos. Lembro de estar lá, sobre o asfalto quente de nossa escola e o sol fervente, o sol queimante, ouvindo todos esses clichês que o diretor da escola dizia sobre o povo sagrado que morreu e as vítimas sagradas. E isso não significou nada para mim, até que me dei conta que todos os assassinados eram meus heróis das histórias de Sholem Aleichem. Eram Motl, o filho do chazan, Topale, Elye e Sheyne, todos esses personagens que eram meu segredo, meu mundo. E acho que foi a primeira vez que compreendi o que foi a Shoah. Toda criança tem uma primeira pessoa que conhecia que morreu. O primeiro falecimento de sua vida. E, de forma estranha, essas foram as primeiras pessoas que eu conhecia que morreram. E lembro que eu, então, fiz uma espécie de cerimônia, como as cerimônias que as crianças fazem, as cerimônias secretas.¹⁰

Após dar-se conta do que aquelas histórias representavam para seu pai, Grossman decidiu ler a obra novamente, agora sob outra perspectiva, abstraindo o riso e como um testemunho de uma vida exposta a uma série de infortúnios pelo simples fato de ser judeu. “E depois decidi nunca mais ler o autor. Não podia aguentar, era muito para mim.”¹¹ Para o menino que ainda vivia o sonho de um recém criado Estado de Israel, um lugar não só de recomeço, mas de retorno a casa de seu povo, ali se apresentava não apenas o passado, mas também uma possibilidade de que tudo pudesse voltar a acontecer agora em seu país. O reencontro com a obra de Aleichem ficou para mais tarde, quando já escritor conhecido e pai, começou a ler para o seu filho mais velho por volta de seus oito anos. O mundo desconhecido agora se abriria para o seu filho.

Grossman marca esse reencontro não só quando decide apresentar o autor para o filho, repetindo o gesto de seu próprio pai durante sua infância, mas quando nos apresenta a Momik, personagem de um dos seus trabalhos mais consagrados *Ver: amor*, lançado no Brasil em 2007. Para Nascimento¹², o livro pode ser entendido como uma das mais originais narrativas ficcionais sobre a pós-Shoah. Dividido em quatro partes,

¹⁰ GROSSMAN, 2020.

¹¹ GROSSMAN, 2020.

¹² NASCIMENTO, 2017, p. 2.



“potencializa, em cada uma delas, tentativas precárias de compreensão de uma ‘experiência-limite’¹³.”

Em Israel, no final da década de 1950, o menino Momik, filho de judeus sobreviventes da Europa Oriental, faz uma interpretação muito particular sobre o passado de sua família na Europa sob o domínio nazista. Fragmentos de conversas e até mesmo os silêncios são traduzidos pela mente do menino, que acredita que a “besta nazista” presente nos diálogos familiares e que tanto o aterroriza, é de fato um monstro que precisa ser exterminado. Quando aos poucos, seus pais começam a contar mais sobre a vida no shtetl a partir das lembranças dos livros de Shalom Aleichem, Momik fica tão interessado que passa a perseguir cada vez mais o assunto de tal forma que faz com que seus pais ficassem alarmados por sua excessiva preocupação. As histórias do livro *Motl peysi dem khazns* geram um fascínio ao menino, que passa a projetar imagens da vida em uma shtetl: a casa de banho, o mercado, a sinagoga. Tudo tão distante e inacessível, mas intimamente ligado com o passado de seus pais no Velho Mundo.

Para Sokoloff,¹⁴ Grossman se apropria das histórias de Shalom Aleichem para cultivar o mundo de fantasia criado por Momik. O menino sente que precisa reviver o terrível passado de sua família como quem procura entender a si mesmo. Todo o sofrimento, humilhação e, eventualmente, a aniquilação do qual os personagens de Aleichem pretendiam escapar faziam com que o menino mergulhasse em um espiral que o leva ao colapso. Monik chega até mesmo a pegar mapas de Israel e substitui os nomes das cidades israelenses pelos nomes das cidades polonesas.

Molt funciona como uma personificação da experiência do shtetl, como um retorno a uma era anterior da qual Momik não fizera parte. Embora o personagem de Aleichem tenha sido obrigado a deixar a vida no shtetl para trás embarcando em uma verdadeira aventura como imigrante numa terra totalmente alheia a sua vida, ainda é possível fazer uma associação cultural com o passado. Além disso, a vivacidade cativante de Motl, lhe permite uma entrada adicional na mente imaginativa de Momik.

Assim como Grossman, Momik vivia os efervescentes primeiros anos de um estado judeu dos anos cinquenta, uma geração criada para manter olhar adiante, na projeção de um futuro promissor.

A cultura israelense estava comprometida em criar a imagem do sabra, o judeu forte e autossuficiente em casa em uma nação independente. Por um longo período, os israelenses resistiram à

¹³ NASCIMENTO, 2017, p. 2.

¹⁴ SOKOLOFF, 1987, p. 401.



identificação com o judeu da diáspora, percebido como a antítese do ideal heróico do sabra.¹⁵

Uma nova sociedade que foi se construindo pelas mãos de imigrantes que trouxeram consigo uma bagagem abarrotada de traumas e até mesmo culpa pela sobrevivência diante tantos mortos. Era preciso recriar a imagem do judeu que agora retorna a sua terra, qualquer semelhança que remetesse a tudo o que foi perdido poderia colocar em jogo o que estava sendo ali (re)construído. Os silêncios que o menino traduzia tão bem falam sobre um passado reprimido pela sociedade israelense que fez o menino, com toda a sua curiosidade infantil, sentir necessidade de explorá-lo. Para Sokoloff,¹⁶ ao abraçar Motl em seu mundo imaginativo, Momik “brinca seriamente de ser um judeu no antigo sentido da diáspora.”¹⁷ Talvez Momik seja na verdade a personificação de um reencontro de Grossman com o seu próprio passado, do menino chocado aos descobrir que ao abstrair o humor das histórias de Sholem Aleichem o que resta são as dores, muitas, da vida judaica de seus antepassados.

Assim como Sholem Aleichem, a literatura de David Grossman é igualmente tecida em meio a realidade em que vive, formando um emaranhado entre questões políticas e culturais que envolvem o seu lugar no mundo e a sua identidade judaica. O passado do shtelt através das histórias de um, costura o presente da vida e das histórias do outro.

Para mim, as histórias de Sholem Aleichem são sempre sobre o judeu que sofre, antes de tudo, pelo fato de não ter um lar, que não encontra um lugar para si mesmo — sempre um estrangeiro. Esta é a verdadeira tragédia dos judeus — como um coletivo e como indivíduos — que nunca realmente nos sentimos em casa no mundo, embora Israel deva ser esse lar. É tão de partir o coração pensar que, depois de 70 anos de soberania, ainda não temos essa solidez de existência de que tanto precisamos.¹⁸

Já como um autor de sucesso, sua vida pessoal foi marcada pela perda profunda e precoce de seu filho Uri, comandante de tanque nas Forças de Defesa de Israel durante a Guerra do Líbano em 2006. Ao filho dedicou o livro *Fora do Tempo*, lançado no Brasil em 2012, onde faz um relato íntimo, profundo e doloroso sobre a experiência do luto pela perspectiva de um pai. Para além de uma carreira consagrada como escritor, Grossman também é uma voz ativa sobre os conflitos que atravessam a história de Israel, sempre adotando uma postura pacifista em busca de uma solução para a coexistência de israelenses e palestinos. Ainda que costume tecer duras críticas ao

¹⁵ SOKOLOFF, 1987, p. 401.

¹⁶ SOKOLOFF, 1987.

¹⁷ SOKOLOFF, 1987, p. 402.

¹⁸ GROSSMAN, 2017, np.



governo israelense na atualidade, Grossman entende o direito do seu país de se defender.

Acho que precisamos sim de um exército forte, é algo que considero importante dizer. No Oriente Médio, é preciso ser muito forte, porque a região nunca internalizou de verdade o direito dos israelenses de estar aqui, e precisamos estar alertas o tempo todo, mas se você se ampara apenas no exército, que Deus nos proteja de sermos derrotados. Eu não quero essa derrota, porque Israel pode ser um lugar importante, de muitas maneiras, e as realizações de Israel são magníficas, em quase todos os campos da vida. Então quero que Israel continue aqui, mas você só vai conseguir isso se basear-se ao mesmo tempo em poder militar e em ter uma relação boa e normal com seus vizinhos, que gradualmente evoluiria para a paz.¹⁹

Em 7 de outubro de 2023, assistimos, literalmente, a uma tempestade de morte que caiu sem aviso, sem dar chance ao abrigo, filmada, exibida e comemorada como troféu por nossos algozes. E mais uma vez, testemunhamos o silêncio de muitos, a conivência ideológica e deturpação dos fatos. Sobre esta guerra, que afeta não só diretamente a israelenses, mas também judeus da diáspora, o autor diz:

Outro fenômeno vergonhoso veio à tona como resultado da guerra: Israel é o único país do mundo cuja eliminação é mais abertamente exigida. Em manifestações frequentadas por centenas de milhares, nos campi das universidades mais respeitadas, nas redes sociais e nas mesquitas ao redor do mundo, o direito de Israel de existir é frequentemente contestado com entusiasmo. Críticas políticas razoáveis que levam em conta a complexidade da situação podem ceder – quando se trata de Israel – a uma retórica de ódio que só pode ser resfriada (se é que pode) pela destruição do estado de Israel. Por exemplo, quando Saddam Hussein assassinou milhares de curdos com armas químicas, não houve pedidos para demolir o Iraque, para apagar do mapa. Apenas quando se trata de Israel é aceitável exigir publicamente a eliminação de um estado.²⁰

¹⁹ GROSSMAN, 2016, np.

²⁰ GROSSMAN, 2024, np.



Grossman²¹questiona qual seria a razão da existência de Israel provocar tanto ódio, pois entre 195 países, sua condição de permanecer enquanto país parece carecer da boa vontade das outras nações, como se Israel não tivesse direito à soberania sobre si. Um ódio dirigido exclusivamente a um povo que há menos de um século teve a sua existência quase erradicada.

Entre os programas sofridos por judeus na Europa Oriental dos livros de Sholem Aleichem que contaram ao menino sobre o passado silenciado de seu pai e os conflitos vividos em Israel que fizeram de seu próprio filho uma vítima, David Grossman segue acreditando que a literatura é uma arma poderosa não somente para a compreensão dos conflitos, das guerras e do horror, mas também para que não se perca a humanidade da vida diante do que nos assombra.

Referências

- GROSSMAN, David. David Grossman on the Books That Shaped Him. Entrevista concedida à Thea Lenarduzzi. *The five books*. June 13, 2017. Disponível em: <https://fivebooks.com/best-books/books-that-shaped-him-david-grossman-man-booker/>
- GROSSMAN, David. Em Israel, nenhum de nós experimentou um único dia de paz até hoje. *Zero Hora*. 19 de março de 2016. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2016/03/david-grossman-em-israel-nenhum-de-nos-experimentou-um-unico-dia-de-paz-ate-hoje-5114780.html>. Acesso em 03 out. 2024.
- GROSSMAN, David. *Ideias para o mundo*. Dirigido por Pedro Zimmermann. 26min. 2020. Disponível em: https://canalcurta.tv.br/filme/?name=david_grossman. Acesso em 12 out. 2024.
- GROSSMAN, David. Israel is falling into an abyss. *New York Times*. March 1, 2024. Disponível em: https://www.nytimes.com/2024/03/01/opinion/israel-gaza-palestinians-hostages.html?unlocked_article_code=1.aE0.v1Iv.DVxBGtjmRkUI&smid=nytcore-ios-share&referringSource=articleShare. Acesso em 25 set. 2024.
- GROSSMAN, David. The art of fiction. Entrevista concedida a Jonathan Shaini. *The Paris Review*, v. 182, n. 194, outono, 2007. Disponível em: <https://www.theparisreview.org/interviews/5794/the-art-of-fiction-no-194-david-grossman>. Acesso em 24 set. 2024.

²¹ GROSSMAN, 2024, np.



GROSSMAN, David. *Writing in the dark: essays on literature and politics*, 2008. n.p. Disponível em: <https://www.amazon.com/Writing-Dark-Essays-Literature-Politics/dp/0374281106>. Acesso em 25 set. 2024.

GUINSBURG, J. Uma língua-passaporte: o Ídiche. 2004. Revista *USP*, 15, 145-149. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i15p145-149>. Acesso em 7 out. 2024.

MIRON, Dan. *Sholem Aleichem*. The YIVO Encyclopedia of jews in Eastern Europe. Disponível em: <https://encyclopedia.yivo.org/article/1142>. Acesso em 8 out. 2024.

NASCIMENTO, Lyslei. Fascínio e obsessão: Momik e as listas em Ver: Amor, de David Grossman. *Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG*. Belo Horizonte, v. 11, n. 21, nov. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/maaravi/article/view/14407/pdf>. Acesso em 9 out. 2024.

ROZENCHAN, Nancy. Humor judaico e resiliência. *Arquivo Maaravi: Revista Digital De Estudos Judaicos Da UFMG*, v.14, n.27, 165–169. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.35699/1982-3053.2020.26484>. Acesso em 9 out. 2024.

SOKOLOFF, Naomi. *The Holocaust and the discourse of childhood: David Grossman's see underlove*. University of Washington, Seattle, 1987. Disponível em: <https://kb.osu.edu/server/api/core/bitstreams/a643051f-84bf-5c57-9d15-4e0b1b669351/content>. Acesso em 9 out. 2024.

Enviado em: 16/10/2024

Aprovado em: 30/10/2024